

DOI:10.4025/5cih.pphuem.1628

Uma Dimensão Sociológica de Justine de Sade como Arquétipo da Mulher no Século XVIII

Juliana Aparecida de Lima Arruda

Resumo: Em 1787, Donatien Alphonse François de Sade, o Marques de Sade, escreve em apenas quinze dias sua obra mais lida, “Os Infortúnios da Virtude”. Neste, Sade narra as desventuras de uma jovem chamada Justine, uma menina muito virtuosa, criada nos melhores conventos da França. Mas, que pela má sorte da vida, aos doze anos é expulsa e passa a viver todas as atrocidades de um século corrompido como o XVIII. Ao longo do romance Justine é violentada, humilhada, ultrajada, e mesmo assim continua virtuosa, com uma fé inabalável e sempre surpreendida pela maldade alheia. A questão é que Justine guardava um segredo, ela gozava ao ser ultrajada.

Compreendo Justine como um arquétipo de sua época, alguém que cria a partir do limite de seu tempo. E para entendê-la é necessário antes de qualquer coisa inserir Justine em seu meio, analisando as condições geradas entre o particular e o individual. Portanto, este é o objetivo desta pesquisa, compreender a dimensão sociológica de Justine, fazendo articulações entre o individual e o social para então interpretar como o social subsidia o gozo silencioso e secreto de Justine ao ser violentada.

Para compreender esta dimensão sociológica de Justine é necessário fazer uma breve apresentação de seu autor, o marquês de Sade, da personagem e seu enredo, e inseri-la no contexto ao qual a mulher pertencia, para isso, partiremos principalmente da obra de Robert Muchembled que faz uma história do “O orgasmo e o ocidente: Uma história do prazer do século XVIII”. O encontro de bibliografias se faz a partir da busca de argumentos orientadas pelo domínio da História Cultural, mais especificamente no campo da História das Idéias.

O resultado da pesquisa mostra que a partir do século XVI o ocidente passa a ter uma experiência íntima entre dor e prazer, numa relação entre o gozo físico e o sentimento da morte. As mulheres eram vistas, neste contexto, como pecadoras com instintos de desejo insaciáveis, seus corpos só inspiravam-lhes a corrupção. Dessa forma era necessário acalmá-las, uma das formas era o casamento, outra era a punição. Nos séculos XVI e XVII o prazer será fortemente perseguido e punido em público, o que acaba por gerar no prazer um sentimento da morte. Justine carrega consigo toda esta tradição entre prazer e dor, e acrescenta ainda mais uma coisa, que é sua forte cristandade. No cristianismo há uma inversão dos valores naturais, a dor passa a ser valorizada, ela é um instrumento de salvação. Há no cristianismo, uma relação muito forte entre dor e purificação, expiação do pecado original. Com sua lógica inversa, de divinização dos fracos, o cristianismo permite que Justine vista a máscara de sofredora, e possa nessas circunstâncias deliciar-se com aquilo que possui de mais imperativo, seu corpo, aquilo que é!

Palavras-chave: Prazer, punição e cristianismo.

Imagino que a maioria já tenha escutado falar em Sade, mas acho também que grande parte ouviu através da psicopatologia criada no século XIX, que leva seu nome, o sadismo, que fala sobre uma perversão sexual onde se obtém satisfação através da dor e violência aplicada em outra pessoa.

Mas Sade está muito além disso. Ele foi um aristocrata que nasceu e viveu em Paris de 1740 a 1814, e que por ter uma filosofia de vida muito singular, passou um total de vinte e sete anos enclausurado em diferentes prisões e sanatórios da França. E no cárcere o marquês encontrou um meio de exercitar sua liberdade, de fazê-la sobreviver, ele tornou-se um escritor. Sade foi perseguido por suas ideias pelos dois regimes, o *Ancièn Regime* e pelo republicano, séculos mais tarde, e ele ainda ocupa o inferno de muitas bibliotecas. Autor de grandes obras como “A filosofia na Alcova”, “Os 120 dias de Sodoma”, e as histórias das irmãs Justine e Juliette, escrita em três versões, sendo a primeira delas o romance “Os Infortúnios da Virtude”, minha fonte, que foi escrita em apenas duas semanas no ano de 1787, e que conta as desventuras de uma jovem chamada Justine, uma jovem triste, de grandes olhos azuis, esbelta, delicada, meiga, com lindos cabelos loiros, que foi educada nos melhores conventos da França, mas quando seu pai, um rico comerciante, fugiu para a Inglaterra depois entrar em falência, o que levou a morte de sua mãe por desgosto, Justine foi expulsa do convento juntamente com sua irmã Juliette.

Ao saírem do convento as jovens irmãs Justine e Juliette, respectivamente 12 e 15 anos, tomaram rumos muito opostos. Juliette através de uma vida desregrada, viciosa, atravessada por golpes e crimes constrói fortuna, mostrando que a prosperidade acompanha o crime (SADE, 2008, p.29). Enquanto sua irmã prospera no vício, Justine só vai à desgraça.

Acusada e condenada por uma série de crimes que afirma não ter cometido, mas que seu excesso de virtude provocou, Justine é levada à Paris para receber a confirmação de sua sentença de execução. É neste momento que a delicadeza de seu feitio chamam atenção da Sra. de Lorsange que pede aos guardas um dia com a moça, para ouvir de seus próprios lábios os infortúnios que a lhe trouxeram ali. E é dessa forma que se inicia a narrativa da nossa pobre virtuosa, que ocultando seu nome descreve ao longo do romance todas as atrocidades e desgostos que lhe aconteceram.

O romance narra as desventuras de uma jovem que leva sua crença em Deus até as últimas consequências, que mesmo explorada, violada, humilhada continua acreditando na bondade dos homens, procurando a todo o momento um feixe de luz sobre o coração de todos os cruéis que encontra pela frente.

Como dizia-se no século XVIII, “O pudor é uma qualidade repleta de espinhos.” A questão, como diz Jean Paulhan (In GIANNATTASIO, em fase de elaboração¹), é que em Justine os espinhos ferem-lhe a carne e faz sangrar. Então fica a pergunta, por que Justine insiste? Por que mesmo humilhada, ultrajada, mesmo depois de ter passado por experiências tão dolorosas, ela continua acreditando no homem? Por que ela mantém o mesmo estranhamento? Ela não aprende nada com suas experiências?

É que este livro que esteve na cabeceira de muitos pensadores como Baudelaire, Nietzsche, Dostoiévsky e Kafka, esta obra guarda um segredo; Justine gozava ao ser ultrajada.

Essa prosperidade do crime é apenas aparente; independentemente da Providência que deve inevitavelmente punir tais sucessos, o culpado nutre no fundo do coração um verme que, roendo-o sem parar, o impede de desfrutar daquele halo de felicidade que o cerca deixando em seu lugar apenas a lembrança dilacerante dos crimes que *lha* proporcionaram. Com respeito ao infortúnio que atormenta a virtude, o infeliz que a sorte persegue tem por consolo sua consciência, e os gozos secretos que retira de sua pureza logo o recompensam pela injustiça dos homens. (SADE, 2008, p.29)

Essa hipótese por si só não nos bastaria, é preciso partir do princípio de que “Justine é a expressão de um certo arquétipo feminino da época. Há uma dimensão sociológica na expressão de Justine” (GIANNATTASIO, em fase de elaboração²). Para Iwan Bloch (1970, pp.28-29) para compreender Sade é preciso inseri-lo em seu meio, pois ele é um homem de seu tempo, sendo preciso analisar Sade a partir de sua condição gerada entre o particular e a comunidade. Com Justine não seria diferente, para compreender como é possível esta mulher gozar ao ser ultrajada é preciso uma articulação entre o individual e o social.

Portanto, a primeira pergunta a ser feita é como eram vistas estas mulheres? A esta pergunta, fui procurar a resposta nos estudos de Robert Muchembled que faz *Uma história do prazer do século XVI a nossos dias*, e a partir dela digo que a mulher é o vaso mais fraco, educada para ser submissa ao marido, fazer filhos e proteger sua casa. As filhas de Eva eram vistas como devoradoras, com instintos de desejo insaciáveis. Segundo Muchembled (2007, p.108), a medicina antiga acreditava que os corpos se dividiam em os quentes e secos, o do homem, e os frios e úmidos, das mulheres. O homem fica do lado da força, do céu, daquilo que é puro, e a mulher a fraqueza, a impureza, a terra, a água, o próprio demônio.

A literatura do século XVI e XVII mostra que as mulheres têm uma lubricidade natural, elas estão inclinadas essencialmente à devassidão sem limites. Rabelais, por exemplo, dirá que nenhum marido tem como evitar ser corno. “O que dizer das mulheres, cuja própria natureza é pecadora aos olhos de todos” (MUCHEMBLED, 2007, p.69).

Se por um lado há uma literatura, e diversos manuais eróticos que contam e ensinam como essas meninas e mulheres fazem ou podem fazer para tentar satisfazer esse desejo visceral, por outro, os manuais tradicionais de educação feminina também serão feitos aos montes. Há toda uma pregação para que as mulheres usem seu corpo com moderação, apenas para procriar e não pelo prazer dos sentidos.

Esta tentativa de domesticação desta mulher, circunscreve um ideal feminino a ser seguido, é ele o da:

(...) esposa casta, fechada às solicitações dos outros homens, mas fecunda, mãe nutridora generosa, capaz de sacrifício. Em contraposição, imaginam a diaba, a que se entrega aos vícios da natureza feminina, particularmente ao insaciável desejo sexual, quando não é firmemente dominada por um homem. Só o casamento pode salvá-la de si mesma e garantir sua salvação. (MUCHEMBLED, 2007, p.72)

Não é à toa que ao mesmo tempo em que avança o culto de devoção Mariana, a caça as Bruxas na Europa ocidental tem seu ápice. Qual é o perfil da mulher acusada de bruxaria? É exatamente o “estereótipo feminino marcado pela idade, pela viuvez e pela relativa marginalidade, por perda de vínculos sociais, no interior de uma comunidade.” (MUCHEMBLED, 2007, p.73)

A saída encontrada para acalmar os ânimos dessas mulheres inquietas é o casamento, só ele pode salvá-las delas mesmas. Há um “medo cada vez maior dos infernos das partes baixas do corpo. Todos devem ter cuidado com o demônio que lá se encontra latente, as mulheres mais que os homens, porque não conseguem reprimir sozinhas suas lubricidades” (MUCHEMBLED, 2007, p.107). Entende-se que a mulher quando casa ela cumpre o seu papel na vida, que é ser fecunda. Ou seja, ela se submete ao marido, engravida, e daí em diante é mãe. Inclusive, para a medicina todos os líquidos orgânicos são semelhantes, e todos podem virar sangue. O leite da mãe é semelhante ao seu esperma, que se acreditava que ela ejaculava durante o coito, “um sublima o outro” (MUCHEMBLED, 2007, p.109).

Mas como esta solução, o casamento, não foi sempre suficiente para domesticar esta mulher, os séculos XVI e XVII, criou outra, a punição. Para Robert Muchembled (2007, p.57) a “experiência da volúpia dos sentidos (nos séculos XVI e XVII) se fez na dor”. Nestes dois séculos o prazer é fortemente perseguido, maltratado, punido, queimado em público. Há no prazer um sentimento da morte. Aqueles que extrapolavam do prazer eram punidos, de forma que

O resultado final dessas tensões na civilização é o de vincular, por muito tempo, a noção de volúpia às de culpa e punição: gozar no sofrimento torna-se o apanágio daqueles e daquelas que resistem de corpo e alma à escalada dos interditos e dos tabus. Aliás, bem antes do marquês de Sade, o século XVII inventa o recurso à dor e ao sangue para multiplicar as sensações. (MUCHEMBLED, 2007, p.104).

Nossa história está cheia de exemplos, e sobre um deles gostaria de citar um trecho do Jean Paulhan³,

Existe, na nossa literatura européia, uma outra obra, e bastante conhecida, que contém mais tortura ainda que a obra completa de Sade (acompanhada de imagens) e mais requinte nas torturas e uma maior obstinação no requinte: não se trata de 30 ou 40, mas, cem mil mulheres em meio a palha seca e que são queimadas a fogo brando (tendo sido amordaçadas para que seus gritos não sejam ouvidos); e outras mulheres espartilhadas sobre camas pontiagudas, e violadas diante de seus maridos empalados; e príncipes e princesas grelhados lentamente sobre carvão ardente; e os nativos acorrentados são abandonados à morte por inanição enquanto são chicoteados (essas doces ovelhas, como se refere a eles o autor). Ao final, não são às dezenas (como em a *Nova Justine*), mas, aos milhões que se contam as vítimas. Vinte milhões, mais exatamente, segundo o autor. Trata-se de um autor respeitável e de histórias dignas de confiança. Não é, em hipótese alguma, um romance, mas, o mais puro relato jornalístico: *Très Brève Relation* cujo pai é Bartholomé de Las Casas [...]. (In: GIANNATTASIO, em fase de elaboração)

Há de alguma forma um prazer íntimo de ver doer o fogo da pele de alguém, como que esta pessoa estivesse pagando não só pelos pecados dela, mas pelos meus próprios, a dor purifica o homem. Às vezes parece-me que como, em geral, o prazer deve ser punido, um e outro estando sempre presentes no mesmo momento devido as circunstâncias, eles acabam por se confundir. A auto-flagelação é para mim uma imagem disto. É claro que não é apenas isso, mas me ocorre.

Nietzsche colocava a questão, eminentemente espiritualista, do sentido do sofrimento. E dava a única resposta digna: se o sofrimento, se até mesmo a dor, tiver um sentido, isto deve estar dando prazer a alguém. Nesse caminho, existem somente três hipóteses possíveis. A hipótese normal, moral ou sublime – nossas dores dão prazer aos deuses que nos contemplam e vigiam – e duas hipóteses perversas: a dor dá prazer para quem a inflige, ou para quem a sofre. (DELEUZE, 2009, pp. 116-117)

Em outro momento vou trabalhar com a terceira hipótese, a perversa de que a dor dá prazer para quem a sofre, mas neste pensemos a partir da primeira hipótese, a normal, que sugere que nossas dores dão prazer aos deuses que nos contemplam e vigiam, mas neste caso, não os deuses, mas o Deus único.

No cristianismo há uma inversão dos valores naturais, a dor passa a ser valorizada, ela é um instrumento de salvação, de purificação. Bom é aquele que sofre.

Pensemos em um dos maiores símbolos do catolicismo, a cruz. Ela nos mostra a dor de Cristo, seu sofrimento. O nosso grande ícone religioso é um cadáver exposto.

O crucifixo é um ícone violentamente indecente. Para recuperar a sua força visceral, crianças do século XXI devem imaginar um linchamento, o corpo da vítima inchado e desfigurado, sua cabeça pendurada para um lado sobre um pescoço quebrado, enquanto os espectadores mostram sorrisos indecentes. Então, devem imaginar esse espetáculo medonho reproduzido no local mais sagrado de qualquer edifício que considerem sagrado. E mesmo quem vá assim tão longe ainda não alcançará o significado da imagem, pois essa vítima não é apenas inocente: Ele é o Deus encarnado, o próprio Senhor em forma humana. (Milles, 2002, p. 18)

Se fosse posto na cruz o mais inocente homem da terra, isso já seria um absurdo, mas não é este o caso, de quem nos estamos falando é o que se supõe que seja o que há de melhor. Mas não importa se é inocente ou culpado, importa que ele está na cruz, que ele sofre. O cristianismo valoriza os mais fracos, as vítimas. Segundo Nietzsche em *O Anticristo* (2000, p.16) “O cristianismo defendeu tudo quanto é fraco, baixo, pálido, fez um ideal da

“oposição” aos instintos de conservação da vida potente”. A teoria nietzschiana valoriza a força de potência, é este o avaliador dos homens. Para Nietzsche (2000, pp.14-17). “Pereçam os fracos e os fracassados: primeiro princípio do nosso amor ao homem. (...) A própria vida é para mim o instinto do crescimento, da duração, da acumulação de forças, de potência, onde falta a vontade de poder, existe degeneração”. O contrário desta força de potência, de acumulação de forças, é o niilismo, a vontade do nada, e no lugar do nada, entendamos o paraíso, o mais além, a vida verdadeira. Ou seja, isso aqui é só uma fase, vou ser recompensada na vida eterna.

Ainda pensando nesta ideia de inversões que o cristianismo faz, Jack Miles chama a atenção pra uma coisa, geralmente os vencedores parecem vencedores, e os perdedores parecem perdedores, mas “graças a esse aspecto paradoxal do mito cristão (...) o aparente perdedor pode ser, realmente, o verdadeiro vencedor não reconhecido” (2002, p. 18). Parece estranho isto? Mas em um site da comunidade cristã Juventude Londrina, encontrei uma resposta para a relação entre dor e purificação dada por um padre italiano chamado Padre Carlo Gnochi, que escreve um artigo resposta aos questionamentos ditos ateus do por que Deus permitiria que uma criança inocente sofra. O nome do artigo é “A Pedagogia da Dor Inocente”. Nele o padre explica que a função da dor na pedagogia divina é devido a raiz desta dor, que é o pecado original. O pecado original fez da dor, naturalmente uma manifestação de pena e castigo por culpa, ou seja expiação. Ele diz que a concepção de dor no Antigo Testamento era individual, ou seja, era resultado de um grande pecado, como no caso dos leprosos e deficientes. Mas no Novo Testamento esta relação é diferente. Sabemos que devido a uma coisa chamada “comunhão dos santos”, somos todos da mesma família, somos todos irmãos, filhos do mesmo pai, Deus. Desta forma, esta comunhão nos faz provar da dor uns dos outros. “A queda de Adão representou a queda de todo o gênero humano. A partir de Adão, toda a humanidade partilha do pecado original e, portanto, do sofrimento.” (E quando se questiona do por que disto, responde o padre:) Desígnios de Deus, difícil saber o motivo.

Dessa forma o vínculo que une a humanidade é o pecado. Mas quando Cristo aparece, ele surge como um novo paradigma na concepção da pedagogia da dor, ele “acrescenta à concepção de dor, o caráter de purificação e redenção.” Segundo o padre Carlo, “Por meio da dor, com Cristo, o homem não só pode reparar a sua culpa, como também conquistar e merecer o prêmio de uma vida mais plena e indefectível. Ou seja, a dor purifica, no sentido de que ajuda o homem a se livrar de suas paixões e de tudo aquilo que lhe prende à vida material, aos prazeres (...)” É como se vivêssemos sobre a lei de Cristo fundada para sermos solidários com seu sacrifício inocente, “Ou seja, a partir de Cristo, todo o sofrimento do gênero humano partilha de certa forma do sofrimento de Cristo. Carregamos de certa forma um pouco da cruz de Cristo e nossos sofrimentos, nossas dores e angústias, nos unem ao sacrifício de Cristo, para dele partilhar e assim participarmos de sua ação purificadora e redentora.” O padre ainda nos pede para que quando vemos o sofrimento de um justo, “devemos ver nisso uma espécie de ação divina, pois ali está Cristo no sofrimento.”

Quando vi Jack Miles (2002, p.19) dizer que “No Ocidente, qualquer criminoso pode ser Cristo, e, portanto, qualquer promotor público, um Pilatos”, achei um pouco exagerado, mas quando li a frase do padre que dizia, “A atitude cristã que se deve ter diante do sofrimento é a mesma atitude que teríamos a rigor diante de Cristo sofrimento”, percebi que não era um exagero assim.

O que o cristianismo faz é divinizar o fraco, a vítima, e estou entendendo Justine exatamente como uma cristã, alguém que leva os ensinamentos cristãos e o exemplo de Deus até as últimas consequências.

Para Jack Miles (2002, p. 22) “A divinização da vítima é a fonte da revolução, assim como a demonização da vítima é a fonte da repressão”.

Essa frase nos ajuda a entender a inversão que acontece dos séculos XVI e XVII para o XVIII. Nos dois primeiros, o prazer é punido publicamente, a relação entre dor e prazer está muito mais ligada a fazer sofrer, punir quem tem prazer, castigar aqueles que abusam do prazer. Já o século XVIII começa uma nova experiência com a dor, ela sai do coletivo e passa para o individual, ela sai do público e vai para o privado. No século XVIII, aquele em que vive Justine, ainda possui um fluxo cultural de uma concepção da virtude empenhada em triunfar sobre o vício, mas, ele “propõe uma filosofia do meio-termo, desvencilhada dos rigores punitivos (...)” (Muchembled, p. 151). Ou seja, antes cabia ao estado culpar aquele que pecava, esta relação é dada agora individualmente, baseada na ideia do auto-controle e do senso íntimo de culpa, a ideia é agora a de moderação. Ou seja, essa punição exterior diminui, e cai sobre o próprio indivíduo, ele próprio passa a se punir caso ele tenha prazer. Tanto que vai haver uma enorme perseguição à masturbação. Então, no século XVIII, apesar de teoricamente esse prazer continuar a ser proibido, ele entra pelas portas do fundo do iluminismo, leia-se aí a literatura erótica.

Como isto é feito? Repartindo a mulher ao meio. A mulher passa a ter dois papéis possíveis na sociedade, ou é virtuosa, ou é devassa, ou é esposa e mãe ou é puta. O dogma da inferioridade feminina continua, mas com uma roupagem levemente diferente,

Por um lado, trata-se de proteger a mulher casada contra as tentações e contra si mesma, confinando-a ao lar. Por outro, a puta, cada vez mais presente nas ruas urbanas, concentra unicamente sobre sua pessoa as características negativas, especialmente a perversidade e o insaciável apetite carnal que antes se imputavam a todas as filhas de Eva. (MUCHEMBLED, 2007, p. 153)

Qual é o preço que essas mulheres pagam pela salvação? Muchembled (2007, p. 65) diz que este preço é o esquecimento de si mesmo. Eis que se esvaziam essas mulheres, ou são uma ou são outra, ou são boas e submissas, ou indóceis e demoníacas. Ambas são portadoras do pecado original por causa do erro de Eva, mas as que desposavam Deus no convento ou que se submetiam com paciência à tutela de um marido se salvavam, ao passo que as outras, impelidas por seus instintos lúbricos, danavam-se irremediavelmente. (Muchembled, 2007, p. 183).

Mas e os homens, de que lado eles ficam? Para os homens cria-se outro padrão, um duplo padrão, onde ele faz reinar sua virtuosidade e sua devassidão. À eles é permitido e incentivado o casamento com uma virgem onde ele cobra seriedade de sua mulher e desaprova qualquer atitude viciosa, e também o uso abuso das casas de prostituição, isso faz dele um macho. Ao homem cabe a obrigação de tentar desfrutar da mulher, e à mulher cabe o auto-controle. Tem uma expressão do século XVI, que retrata bem esta situação, que é “Vou soltar meus galos, vigia tuas galinhas!” Aliás, acreditava-se que na grande maioria das vezes que ocorria um estupro, o causador era a mulher, pois ela em algum momento, devido sua inclinação ao vício, deixou demonstrar que gostaria daquilo, ou seja, é devido a falta de controle da mulher, que tem de se vigiar o tempo todo. O homem tem não apenas que aproveitar-se desse duplo padrão, mas também vangloriar-se o máximo que puder dele, “Pois a sexualidade feminina não pode de nenhum modo ser ostentada, ao passo que os homens têm orgulho de se vangloriar de suas conquistas.” (MUCHEMBLED, 2007, p.64). Isso mostra uma dominação masculina, é só pensar, por exemplo, nas palavras utilizadas para relatar o sexo, elas mostram exatamente essa ideia de dominação, de violência,

Foi possível identificar 130 termos diferentes para designar a dominação masculina durante a relação sexual. Estão ligados basicamente a quatro campos semânticos. Assediar e suas variantes vêm do vocabulário guerreiro. Corromper, desonrar ou destruir estão ligados a uma forma de sedução mais brutal. Quebrar, deflorar, raptar, sujar evocam o estupro. O quarto grupo, que exclui a violência aparente, nem por isso deixa de ter uma tonalidade agressiva: nas obras de Shakespeare os homens montam, possuem, batem, pulam, cavalgam, empanturram, encostam na parede, derrubam a parceira. A atitude esperada dos homens é que ajam como caçadores de

mulheres, vangloriando-se publicamente de seus sucessos. (MUCHEMBLED, 2007, p.74).

O que quero mostrar destas questões, é que a sexualidade passa agora de punida, para controlada.

Para compreender Justine temos que transitar entre esses dois momentos, para entender como é possível a Justine gozar ao ser violentada. A Justine traz consigo a ideia de que o prazer deve ser punido, deve ser castigado como nos séculos XVI e XVII, também corre dentro de seu imaginário a relação entre dor e prazer. Mas ela acrescenta ainda mais uma coisa, que é sua forte cristandade, que permite que ela herde a ideia de que a dor purifica, pois a dor nos faz mais dependentes de Deus, a dor, nos aproxima de Deus, nos faz mais humildes, o sofrimento purifica e nos faz entender que o pecado traz sofrimento, ele, o sofrimento, nos traz disciplina e nos deixa mais santo, a dor nos traz benefícios porque é um ensinamento de Deus. E conforme disse Jesus, num livro "apócrifo" (Evangelho de Tomé) "bem aventurados os que sofrem porque encontrarão a vida".

Acham que isso não tem nada a ver com os dias de hoje? Todas essas palavras que acabei de dizer são o resumo dos "Oito motivos pelos quais Deus permite que soframos" segundo uma matéria publicada em um blog cristão.

Na Suma Teológica de São Tomás de Aquino, afirma a seguinte frase: "Em certos casos, a mesma dor e tristeza é deleitável (...) a dor pode ser matéria do prazer, como diz Agostinho: Que o penitente esteja sempre na dor, que se alegre na dor" (Aquino, p. 428).

Justine ao longo do romance sofre, e sofre muito. Ela passa o tempo todo em desgraça. Quando você pensa que ela não suportará mais sofrimento, ela passa por situações ainda mais funestas. O cristianismo diviniza a vítima, portanto, todas essas situações que ele é posta ou que ela se coloca só faz dela ainda mais cristã, ainda mais virtuosa.

"A ideia central [do cristianismo] é que o corpo sofredor diz a verdade, a exemplo (...) do cadáver cujas chagas sangram na presença do seu assassino" (MUCHEMBLED, 2007, p.65). No caso de Justine o seu corpo sofredor realmente dizia uma verdade, que ela gostava da dor que lhe impunham. Nietzsche, em O Anticristo (2000, p. 33) disse que no cristianismo "se despreza o corpo, a higiene é repelida como sensualidade [...] cristão é certo instinto de crueldade contra si mesmo e contra os outros".

Mas é dessa proibição de gozar, desta obrigação do esquecimento de si, que muitas mulheres vão encontrar no gozo uma ideia de transgressão. Os livros que se lêem com uma mão só são uma dessas forças, porque transformadas em voyeur, essas leitoras podem "estremecer de inquietação sem enfrentar os rigores punitivos prometidos aos que se entregam realmente a tais torpezas" (Muchembled, 2007, p.159). Escolher o caminho da devassidão pode ser outro, há também o de Justine, o gozo silencioso, que vem ao ser humilhada, ultrajada, violentada. Quantos mais gozos essas mulheres inventaram para transgredir? Tanto quanto é a fatura que lhe servem a imaginação feminina do século XVIII.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles. *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Tradução: Jorge Bastos – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GNOCHI, Carlo. *Doutrina: A pedagogia da dor inocente (resumo)*. Disponível em: <<http://juventutemlondrina.blogspot.com/2011/03/doutrina-pedagogia-da-dor-inocente.html>> Acessado em: 18.05.2011

MILES, Jack. *Cristo, uma crise na vida de Deus*. Tradução: Carlos Eduardo Lins da Silva, Maria Cecília de Sá Porto – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MUCHEMBLED, Robert. *O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do Século XVI a nossos dias*. Tradução: Mônica Stahel – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo*. São Paulo: Centauro, 2000.

8 motivos pelo qual Deus permite que tenhamos aflições e passemos por perseguições. Disponível em: <<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100310110446AACSAwd>> Acessado em: 16.05.2011

PAULHAN, Jean. *Le Marquis de Sade et sa complice ou les revanches de la pudeur*. In: GIANNATTASIO, Gabriel. *O corpo em Sade e Nietzsche : Ou, quem sou eu, agora? [ensaios]*. – (em fase de elaboração)

SADE, Marquês de. *Os infortúnios da virtude*. Tradução Celso Mauro Paciornik – São Paulo : Iluminuras, 2008.

¹ Página 61.

² Página 47.

³ *Le Marquis de Sade et sa complice ou les revanches de la pudeur*. Página 66.